

Entrevista de Irmã Maria de Loreto no Jornal da Manhã

Uberaba, 15 de maio de 2011.

Pode não parecer, mas a imagem de fragilidade atribuída à irmã Maria de Loreto esconde um espírito de energias fortes.

Irmã Loreto, como é conhecida, enfrentou doença grave aos dois anos de idade, venceu um câncer, sobreviveu a um infarto e há anos se dedica ao trabalho incansável, em nome da fé e do conhecimento científico.

Batizada como Ruth Gebrim, ela afirma estar se preparando para a eternidade pela realização de sua vocação dominicana-anastasiana, vida dedicada ao estudo, à oração, à vida fraterna e ao magistério.

Irmã Loreto completou 93 anos e está construindo seus 94 desde 11 de fevereiro de 2011.

Ainda jovem, estudou no Rio de Janeiro, na Faculdade das Ursulinas, e se formou em Geografia e História, entre outras áreas de conhecimento.

E não parou por aí. Alguns anos mais tarde, recebeu bolsa para fazer mestrado e doutorado em Geociências na França, pela Escola de Sorbonne, integrante da Universidade de Paris.

Como professora e (ou) diretora, ela atuou no Colégio Nossa Senhora das Dores de 1936 a 1952, na antiga Faculdade Santo Tomás de Aquino, em Uberaba (Fista), no Projeto Rondon, em Altamira (Pa), na Faculdade de Ciências Econômicas, na Universidade de Uberaba (Uniube) e em várias Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no Triângulo Mineiro: em Araguari, Ituiutaba, Araxá. E é com seu olhar maduro, serenamente azul, sempre pronto a buscar, descobrir e ensinar, que irmã Loreto recebeu a reportagem do **Jornal da Manhã** para esta entrevista especial, que traz hoje uma história de dedicação incondicional ao bem de seus semelhantes.

Jornal da Manhã – Quem é a Ruth Gebrim ou irmã Maria de Loreto?

Irmã Loreto – Sou goiana, nasci em Formosa, uma cidade que fica a nordeste de Brasília, a 80km. E já sou velhinha [risos], pois nasci em 1918. Quando entrei para o convento, no início de 1936, aos 17 anos, vim numa velha “jardineira” (carro antigo de oito lugares) que quebrou bem na granja do Torto, hoje casa de descanso dos presidentes. Ali era um cerradão a perder de vista! Havia apenas um rancho. Fizemos o resto da viagem no outro dia, de caminhão. Chegamos exaustos em Uberaba! Ali fiquei um ano como postulante, preparando-me para ir à França e fazer o noviciado, em 1937 e 1938. Tive então a felicidade de iniciar minha vida religiosa na época brilhante do Père Lagrange, teólogo que renovou o estudo da Bíblia, mostrando que ela não é um livro de ciência histórica pura, mas um livro de mensagens, servindo-se da linguagem da época para ensinar valores religiosos. Tive os melhores professores de Teologia, Liturgia e Bíblia, - referências na Ordem Dominicana. Fiz a minha profissão (tornou-se religiosa) em 1938, no princípio do século passado! Há bastante tempo, não é? [risos] Voltei para o Brasil e fiquei no Rio de Janeiro para fazer faculdade.

JM – Antes de se tornar religiosa, pensou em seguir alguma profissão?

Irmã Loreto – Toda a minha vida de jovem adolescente foi dedicada à música; mas, entrando para o convento, foi decidido que eu me dedicasse às ciências e tive que deixar a música de escanteio. Só me ocupava com ela nas horas vagas ou quando a Congregação necessitava de um hino ou de uma canção. Tenho mais de 380 composições, em cantos. Como era a única musicista que compunha, quando a Congregação necessitava, eu produzia. Tocava piano, violão, acordeom, teclado e fui professora nessa área, mas a minha profissão oficial era Ciências da Terra, Geologia e Geografia. No Rio, fiz o curso de História e Geografia. Mas, com o horário na mão, registrava o tempo livre e me matriculava em outros cursos: Antropologia, Teologia, Biologia... Fiz até o curso de Enfermagem, apesar de não saber nem aplicar injeções...a não ser em batatinhas [risos]... Nesse período que fiquei no Rio, de 1939 a 1942, Villa Lobos estava no auge de sua carreira. Eu não perdia nenhuma

de suas demonstrações, principalmente em colégios, para aliar o sentido dos hinos e o patriotismo dos alunos. Aproveitei também para ter aulas de acordeom com Luiz Gonzaga. Em Uberaba, de 1942 a 1952, além das aulas de Geografia e História no Ginásio e no Colegial, dava aulas de piano, violão e acordeom, e isso me realizava! Nesse mesmo período, a Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino foi fundada. Monsenhor Juvenal Arduini e eu fomos os primeiros professores. Eu dava aulas de Geografia e Cartografia; ele de Filosofia. Mesmo ingressando no magistério do Curso Superior, eu continuei com as aulas de música, canto e geografia, no ginásio.

JM – Que recordações a senhora guarda da infância?

Irmã Loreto - Era uma criança alegre e desde meu berço dizem que eu já gostava de música, pois só dormia quando a babá cantava. Se ela ia cantando baixinho e parava, eu gritava exigindo mais canto! Com seis ou sete anos comecei a aprender piano, música teórica e solfejo com um rigoroso, mas excelente professor, que também dirigia a banda de música da cidade. Aos oito anos, fiz minha primeira canção, e, aos dez, dei um concerto de piano em Paracatu, cidade mineira perto de Formosa.

JM – E da família?

Irmã Loreto – Guardo as melhores lembranças de minha família. Papai, João Gebrim, e mamãe, Maria das Dores Chaves Gebrim, tinham gênios opostos, mas, ao invés de se digladiarem, arranjaram um jeito de se complementarem! Mamãe teve treze filhos, mas, com papai, só três. Ela era viúva quando se casou com ele, em 1910. Sempre fomos uma família muito unida, tanto que tenho meus sobrinhos como filhos. À noite, ao invés de sairmos, minha mãe se sentava à máquina e costurava roupas para os pobres; e nós, juntos dela, ouvíamos papai contar histórias de "Mil e Uma Noites", porque ele era de família síria. Na realidade, a família dele nasceu no Iraque. Lá pelos fins do século 17 ou 18, foi obrigada a fugir, porque o califa [soberano dos muçulmanos] queria a filha mais velha dos Gebrim para fazer parte de seu harém. Como eles eram cristãos ortodoxos, não permitiram; mas o califa mandou soldados e pegou a moça. Os irmãos e o pai dela arrumaram tudo de valor nos camelos e, de manhã, quando o califa saiu do palácio, mataram os dois eunucos que faziam a guarda do harém, pegaram a moça e a comitiva fugiu. Essa viagem da capital do Iraque até a Síria foi épica. Ali, bem longe de Bagdá, fundaram a cidade de Kafrun, que existe ainda hoje.

JM – Que história...

Irmã Loreto – E a família de mamãe não fica atrás em originalidade. A cidade portuguesa de Chaves tinha um castelo, onde os três irmãos eram grandes amigos de D. Pedro II, e sempre estavam com ele quando viajava para Portugal. Os três foram convencidos de virem para o Brasil, pois o jovem imperador lhes daria terras no interior do país. Um deles foi para a região de Goiás e se fixou em terras onde se situa hoje a cidade de Formosa, a NE de Brasília. O segundo ficou entre Formiga e Belo Horizonte, e o terceiro veio para o Triângulo Mineiro e escolheu a região de Campina Verde. Os "Chaves" dos quais descende minha mãe, ficaram em Formosa, trabalhando com ferro extraído do laterito (tapiocanga). A outra descendência de minha mãe, por parte de minha avó, vem dos "Viana", e eles se diziam descendentes da irmã caçula de Tiradentes! Desbravadores... [risos]. Minha família tinha esta característica hereditária de cultivar a história de seus antepassados. Mamãe me deu uma "fotografia histórica": a família imperial, oferecida por Pedro II a seu tio-avô, com dedicatória. Vou colocá-la no **Museu da Capela**, do Colégio Nossa Senhora das Dores, onde já se encontra a minha coleção de minerais e rochas, inclusive uma concha com linda pérola engastada nela, que eu trouxe do mar Mediterrâneo. Este museu merece ser visitado...

JM – Que princípios foram marcantes na sua formação?

Irmã Loreto – Dentre os princípios que recebi em minha formação, o que mais me marcou foi o de *“sempre analisar a situação e dedicar-me, não ao que me proporciona mais prazer, mas ao que for melhor para todos*. Eu era muito estudiosa. Tinha sede de conhecimento. Lembro-me de que, quando criança, assentada à noite na rede do alpendre de nossa casa, eu me pegava olhando para a lua e me perguntando o que haveria lá... Quando fui para a França fazer o mestrado e o doutorado em Geologia, todo meu tempo livre era orientado para a origem da matéria, da vida e do homem. Em Paris, conheci um brilhante sacerdote e pesquisador, teólogo e geólogo. Chamava-se **Teilhard de Chardin**. Como me orgulho de tê-lo conhecido! Por ensinar a origem do homem diferente do que está na Bíblia, mas baseado em seus estudos paleontológicos, esteve exilado na China trinta anos. Naquela época, a Igreja ainda estava eivada de jansenismo, e ele ensinava e comprovava, por meio da paleontologia, a origem e a evolução do homem, valorizando a ciência sem tirar o valor essencial da teologia. Mostrava Cristo como Alfa e Ômega de toda Criação. Aprendi muito com ele, por isso acredito que todos os seres têm sua história, mas saíram da inteligência e do amor de Deus. Teilhard mostrava que a Bíblia é um livro de figurações e não de História textual. Foi exilado porque aceitou o que a ciência hoje comprova: que nós temos nossa árvore genealógica arraigada na família dos símios e pressímios; os chimpanzés são nossos “primos” mais próximos. Isto não desvaloriza a criação de Deus e a vinda de Cristo como Homem-Deus. Ao contrário. Dá mais amplitude a nossa fé, porque Jesus é o alfa e o ômega, o princípio e o fim de tudo!

JM – E foram estes estudos que a despertaram para a educação?

Irmã Loreto – O que me despertou para a educação foi o chamado que senti para viver segundo os princípios dominicanos e anastasianos. A dedicação e a competência das Irmãs Dominicanas do Colégio São José de Formosa, onde fiz meus primeiros estudos foi que me decidiram. Madre Anastasie, fundadora da nossa Congregação, procurou enxertá-la na Ordem Dominicana que se apóia em quatro pilares: Vida Fraterna, Orações, Estudo e Missão. O carisma da Ordem Dominicana é difundir a Verdade. Por isso, Madre Anastasie colocou como meta da Congregação o trabalho educativo e hospitalar numa região de camponeses muito pobres. Escolhi esta Congregação porque me sentia atraída para o magistério. Gostava de ensinar, de ser professora, de sentir a inteligência dos jovens se abrindo para penetrar no âmago da ciência! Isto me realizava e me mantinha jovem, até mesmo quando já era sexagenária! Assim, dediquei-me a ensinar geociências e música. Fui convidada por Anísio Teixeira (que era meu amigo e, na época de meus estudos me ajudou com uma verba da Capes) para dar aulas na Universidade de Brasília (UnB). Não aceitei porque era comprometida com a Faculdade Santo Tomás de Aquino. Trabalhei nesta Faculdade desde sua fundação até seu ocaso. Outras Faculdades precisaram de mim e fui ampliando meu trabalho. Cheguei a ser diretora por um certo período, na Faculdade de Ciências Econômicas, e vice-diretora catorze anos na Faculdade Santo Tomás de Aquino. Mas sempre preferi estar em sala de aula, no calor dos alunos!

JM – Aos 17 anos, saiu de casa para atender aos apelos da vocação religiosa e entrou para o convento. Nunca teve vontade de formar um lar?

Irmã Loreto - Sempre fui muito precoce. Naquele tempo, criança nem imaginava que havia namorado! Aos seis anos, ouvi umas primas adultas conversando sobre namorado. Curiosa, quis saber o que era namorar e elas me explicaram que era quando uma moça gostava de um rapaz de mesma idade e ficava muito amiga dele. Então, decidi arranjar um namorado, por conta própria [risos]. Pensei logo no Edgar, porque na casa dele tinha muita manga sabina e coco macaúba. Eu mesma mandei perguntar a ele se queria ser meu namorado. E ele aceitou. Então, namoramos com os olhos, de longe, cheios de vergonha um do outro. Assim era o namoro infantil daquela época. Eu mandava bilhetinhos (tirados da minha antologia) e ele me mandava pacotes de Côco xodó e manga madurinhas. Nunca comi tanta manga na minha vida! Quando acabou a estação, terminei o namoro por recado [risos]. Arranjei outro, mas não tinha vocação pra isso, pois era muito mandona. Prestes a

completar oito anos, vi um livro que minha mãe, bibliotecária, havia deixado sobre a mesa, contando a vida de Santa Inês, que, ainda pequena, decidiu se dedicar a Deus, fazendo o voto de virgindade. Nem sabia o que era isso, mas prometi fazer o mesmo. Mamãe disse que se Deus havia me inspirado, era o certo. Lembro-me como se fosse hoje. Ajoelhei-me perto de uma janela e, olhando para o céu cinzento, falei: *“Deus, sei que está em toda parte, quero lhe prometer uma coisa: Nunca vou me casar e me consagro ao senhor pelo voto de virgindade, como Santa Inês.* E foi isso. Um médico muito inteligente, 10 anos mais velho, que depois foi governador de Goiás, Dr. Hosanah de Campos Guimarães, quis se casar comigo pouco antes de eu entrar para o convento. Disse-lhe que já era comprometida, e parti para Uberaba!

JM – E como soube que seu destino era o convento?

Irmã Loreto – Minha mãe disse que eu poderia escolher entre dizer a Deus que havia encontrado um companheiro ou ir para o convento sem dizer a meu pai, já que homens de origem árabe decidem pela filha. Ele trouxe meu irmão para estudar e ser noviço dominicano. Eu vim junto, a pretexto de descanso em Araxá, mas escolhi o convento. Quando lhe comuniquei, quase morreu de susto. Tentou impedir, mas eu lhe disse: que ele havia feito promessa de me consagrar a Deus quando eu estava desenganada pelos médicos, aos dois anos. Assim, entrei para o convento. Papai ainda veio me buscar uma vez, mas eu permaneci.

JM – O que lhe traz essa paz de espírito?

Irmã Loreto – O que sempre me trouxe paz de espírito foi procurar esquecer de mim e pensar no outro, sobretudo esquecer a mágoa que alguém me causou por falta de justiça. É difícil até hoje, mas enquanto não perdoar, fico triste. Penso em Cristo que sempre perdoava. Então, procuro também perdoar.

JM – E o que fazer para que as pessoas compreendam a vida assim?

Irmã Loreto – O que falta hoje é a educação, porque quando os pais acostumam as crianças desde pequenas a agir dessa maneira, elas aprendem. Foi assim que mamãe nos ensinou. Um dia cheguei à cozinha, suando, cheia de calor, porque tínhamos brincado de pular corda no sol quente. Queria tomar água fria do pote de barro que ficava no fundo da cozinha. Mas mamãe me disse que eu não poderia beber naquele momento por três motivos: primeiro, porque, por estar suada, a água fresca me faria ter pneumonia; segundo, porque o homem só é grande quando ele sabe dominar a si mesmo; o próprio Napoleão Bonaparte que soube dominar toda Europa, dizia e praticava isto: e terceiro, porque, em uma carta de São Paulo, ele diz que Cristo não sofreu por nós tudo que precisava; Ele deixou um pedacinho de sofrimento para cada um que nasce, por isso eu tinha que sofrer meu pedaço e jogar no coração de Jesus para ajudá-lo a salvar o mundo. Assim, ela [minha mãe] me dizia que toda vez que eu desse um sorriso ao invés de brigar com alguém, estaria salvando uma pessoa.

JM – Dia 13 de maio comemoramos a Abolição da Escravatura, após a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel. Historicamente, a Igreja teve papel importante na fundamentação do racismo e da escravidão, já que na Bíblia há passagens em que o negro era considerado inferior. Qual a opinião da senhora a respeito?

Loreto – Em minhas aulas eu procurava mostrar como isto é falso. A terra não é de um grupo, não é de um só povo. A Terra é de todos. Mais ainda: Biassuti, um antropólogo muito famoso, dizia que a Terra é um planeta de negros, e os brancos são uns “entrões”. Veja que parece verdade. Algumas pessoas ficam incomodadas quando sentem o cheiro forte do suor do negro. Mas o fenômeno que o provoca é característico e necessário num planeta quente como a Terra. O suor equilibra a temperatura do corpo: ele contém muitas substâncias voláteis que são responsáveis pelo odor. Quando elas evaporam o calor diminui, porque é comprovado cientificamente que toda evaporação produz resfriamento. Portanto, os negros

são mais adaptados ao planeta, e têm bem mais maneiras de se refrescarem do que nós. Por outro lado, já foi comprovado cientificamente, por meio da Paleontologia, que os primeiros homens eram negros. Povoaram a África e foram emigrando para o norte durante muitos milhões de anos. Então se tornaram claros. Outro fato nos mostra que nosso planeta é mais dos pretos do que dos brancos: o número de negros que ficavam doentes com câncer no passado era bem menor do que hoje em comparação aos brancos. Agora, já não se nota tanto essa diferença porque houve uma grande miscigenação, o branco pegou câncer no negro! [risos]. Sabendo disso, podemos desprezar os negros? Não nos esqueçamos: o primeiro homem na Terra era negro, povoou a África e a Ásia, mas o que foi para a Europa e para os países frios não tinha radiação solar suficiente, por isso perderam a cor e ficaram brancos.

JM – O homem começa a entender que é importante ter uma vida espiritual saudável, mas sabemos ser urgente o cuidado com o planeta em que vivemos. Como a senhora vê a questão?

Irmã Loreto – A Geografia e a Geologia têm uma grande parte de Ecologia e eu nunca descuidei de ensinar isto a meus alunos. Neste planeta, encontramos todos os meios de viver bem. Devemos recolher a matéria prima e, com muito critério, com muita consciência, transformá-la em coisas úteis para a vida humana. Nossa preocupação, nossa atitude, deve ser esta matéria-prima. Não pode haver desperdício. Infelizmente, não é isto que as pessoas têm feito. Elas têm desrespeitado os limites que a terra pode nos dar. As queimadas são crimes. Elas matam a vida vegetal. O desflorestamento e suas conseqüências roubam as condições de vida do Planeta. Com a poluição da terra, da atmosfera, dos rios e mares, não haverá mais condição de vida! Nossa preocupação e nosso trabalho, enquanto geógrafos, geólogos, ecólogos, é ter uma visão humana e natural da conservação da Terra. Um dia ela vai acabar, porque muitas outras existiram e se acabaram, mas duraram o tempo que Deus quis. A raça humana vai desaparecer, como desapareceram os dinossauros e tantos outros seres. Prolongar essa existência é ação da natureza. Apressá-la está sendo a atitude do homem atual.

JM – E como reforçar essa consciência no homem?

Irmã Loreto - Isto é função de um trabalho no lar, nas escolas, na sociedade em geral. Quando se trata de uma escola dirigida por religiosas, devemos fazer surgir e manter as virtudes do ser religioso. Nossos colégios atuais (em São Paulo, Curitiba, Araxá, Uberaba e outros), fazem encontros anuais que incitam e orientam os professores, preparando-os para exercerem a formação integral de seus alunos. Enquanto fui professora, procurei sempre não ficar, em minhas aulas, apenas na transmissão de definições, de experiências, mas entrava em princípios formativos. Por exemplo: quando falava sobre a erosão das ondas nas falésias, a erosão e deposição dos rios, etc., mostrava-lhes como todo este trabalho era sempre em função **da busca do equilíbrio...** E então procurávamos ver, na sociedade humana onde há desequilíbrios, quais são eles, quem ou o que os criou, o que fazer para conquistar novamente o equilíbrio. Sim, Thassiana, nós, educadores, devemos trabalhar, não só para ensinar fatos científicos, mas para moldar o ser humano, procurando fazer dele um instrumento de paz, de manutenção do amor, da união, do respeito pela natureza, do culto a Deus, - eis o meio de fazer da Terra o lar da Humanidade e da Vida, um ambiente de Felicidade!

Irmã Maria de Loreto